

**QUEM TEM MEDO
DE ÍNDIO? AS IMAGENS E PRECONCEITOS DE JOVENS DO ENSINO
MÉDIO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS.**

SILVA, Aretuza da Cruz

Email: Aretuza87@hotmail.com

“... Somos tentados a pensar
que as sociedades indígenas de agora
são a imagem do que foi o Brasil pré-cabralino”.

Manuela Carneiro da Cunha

Durante o feriado de 07 de setembro de 2009 estive em Cumuruxatiba, distrito do Prado, Bahia, este possui em seu entorno 5 aldeias. Aproveitei a oportunidade e visitei uma amiga, enquanto ela pintava nas minhas costas, com tinta de Jenipapo, um grafismo tradicional do povo Pataxó, sua filha, brincava e cantava na varanda: “*O castelo pegou fogo São Francisco deu sinal, acode, acode, acode a bandeira nacional*”. E continuou cantando outra “*Tuhutari paxixá suniatá hamiá hu iõp Kanã taputari ui hãhã Kanã pataxi pataxó, tokerê dxé iõ kamaywrá [...]*”.

O momento me lembrou dos estudantes de ensino médio que muito me ensinaram durante um ano e meio em que convivemos¹, o grupo participante desta pesquisa, estudantes de uma escola pública de Teixeira de Freitas, com idades entre 15 a 17 anos. O momento sintetizava bem, várias coisas que eles não aceitavam, nem compreendiam. Palavras que para eles nunca estariam em concordância em uma mesma frase: indígenas e cidades, índios e celulares, supermercados e indígenas, a língua portuguesa sendo falada por índios. Quando iniciamos as discussões sobre o processo de colonização do Brasil, uma série de antigas imagens foram expostas. Os povos indígenas brasileiros foram apresentados como um grupo homogêneo, com um comportamento oscilante entre bárbaro e o ingênuo *bom selvagem*. Sempre intrinsecamente ligados às florestas e

¹ Por opção da autora será resguardado o nome da escola e dos estudantes participantes da pesquisa. Sendo a escola e a maioria dos seus estudantes de Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil. .

protegendo-as, sempre evidenciados como os primeiros habitantes que *viviam, comiam, não - vestiam, andavam, caçavam*.

Legado de uma história positivista que marginalizou a história das sociedades subalternas e evidenciou os grandes temas, e que se reflete ainda no processo de formação dos professores e na transmissão do conhecimento histórico. Manuela Carneiro da Cunha (1992, p.18) sobre a resistência dos povos indígenas, escreve que os mitos indígenas sempre os evidenciam como protagonistas de sua história, e não como vítimas passivas, Cunha colabora ainda ao escrever que “[...] A percepção de uma política, de uma consciência histórica em que os índios são sujeitos e não apenas vítimas, só é nova eventualmente para nós. Para os índios, ela parece costumeira [...]” (1992, p.18).

Esta produção discute exatamente as imagens que os jovens possuem sobre as sociedades indígenas, e como o espaço formal de ensino contribuiu para a formação destas, e pode contribuir para sua desconstrução. É o relato de uma tentativa de experienciar o conhecimento produzido e enclausurado nas universidades com uma parcela da comunidade, os estudantes de ensino médio. Buscando o tripé ensino, pesquisa e extensão. O ensino de História, as pesquisas recentes sobre a História Social Indígena, a extensão representada aqui pelo projeto “A academia vai á aldeia” que contribuiu muito para a realização de todo o processo e a própria comunidade envolvida na produção do conhecimento e pesquisa no processo formal de ensino.

José Carlos Libâneo (1994, pp. 51-60) compreende que os diversos papéis dos objetivos, conteúdos e métodos da educação dependem das concepções de sociedade e de homem; e dialoga com as lutas dos diversos segmentos sociais por uma educação contextualizada. Tanto a instrução como o ensino, se modificam em decorrência da necessidade de ligação com o desenvolvimento da sociedade e das condições reais em que ocorre o trabalho docente.

Um exemplo de luta por uma educação contextualizada é a conquista dos “Direitos Indígenas” no âmbito constitucional pelos movimentos indígenas no Brasil. Neles, está contido o direito à educação diferenciada, intercultural e bilíngüe, confirmados e detalhados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Recentemente, o

advento da Lei 11.645/08 que assimila a Lei 10.639/2003 e institui no ensino, as Histórias e as culturas afrodescendente e indígenas na Educação Básica e Superior. . Esta conquista necessita de maiores incentivos para sua efetivação. Mas serviu como uma das bases para a estruturação e inovação da prática de ensino, que será relatada.

O QUE PENSAM?

A relação avaliação e ensino de História de acordo com Maria Auxiliadora Schmidt e Marilene Cainelli (2004, p.148) deve ser pensada como um diagnóstico contínuo e sistemático, que analisaria a relevância do conhecimento a ser ensinado, o significado do conhecimento ensinado e a eficácia do aprendido. Schmidt e Cainelli compreendem a avaliação como uma forma de refletir sobre as dificuldades do ensino, e não como uma forma de medir e classificar o aluno. Os resultados da prática deste conceito de avaliação são as fontes das análises subsequentes.

A primeira avaliação buscou diagnosticar as imagens que os jovens possuíam das sociedades indígenas, qual o legado que o espaço formal de ensino transpôs a eles sobre os povos indígenas. O diagnóstico foi muito importante para problematizar as verdades prontas e acabadas de uma educação bancária que ainda não leva em consideração os saberes dos estudantes. Como resposta ao questionamento “Quem é o índio?” As categorias presentes nos textos caracterizam-nos como selvagens que moram na floresta, caçam, pescam e andam nus. Apresentados em tempo pretérito e relacionados apenas ao advento do Descobrimento, uma presente idéia de primitivismo. A estudante D. S. S. (16 anos) em março de 2009, escreve que:

Até a chegada dos portugueses no Brasil os índios viviam livres e felizes em harmonia com a natureza e vivendo com seus costumes e culturas completamente diferentes dos portugueses. Com a chegada dos portugueses obteve-se o início do progresso do Brasil... Na escola eu aprendi que o índio andava e continua andando pelado e fala embolado [...]

A imagem do *Bom Selvagem* aparece em consonância com a percepção de alteridade, em uma perspectiva comparativa. Onde os índios são *diferentes dos portugueses*, a imagem apresentada ignora a pluralidade de nações indígenas no Brasil Pré-Colonial e as guerras que constantemente realizavam uns contra outros. Outro elemento presente é a idéia de progresso em oposição às sociedades indígenas, o progresso vem com os

europeus e as sociedades indígenas estão ligadas ao que é primitivo e a floresta. Em outro grupo de respostas encontraremos os que conjugam as frases em tempo presente, mas que permanecem ligando os índios às floretas, F. F. S. (2009, 16 anos) acredita que:

Um índio para mim é alguém que é da natureza ou se integra totalmente a ela. Um índio nasce em uma tribo, em sua aldeia e em sua oca a partir do momento em que ele nasce ele não precisará da tecnologia do “nosso mundo” e não terá a vontade de ter os eletrodomésticos para sua mordomia.

Nesta resposta o índio está sendo caracterizado em tempo presente, mas que nasce e vive na aldeia, próximo da mata, e principalmente ele está em oposição à tecnologia, sua vida é integrada a natureza e longe de toda a tecnologia historicamente produzida pelas diferentes gerações e grupos humanos.

Para buscar compreender com o grupo os povos indígenas contemporâneos estudamos e discutimos o texto “Selva de Pedra” de Patrícia Pereira (2007, pp. 40-49), publicado pela revista Sociologia. Texto este que apresenta alguns dados interessantes, de início a autora anuncia “*Sem perder a identidade, índios trocam a aldeia pela cidade e aderem à modernidade tecnológica*”. O texto demonstra a forte relação dos povos indígenas com as cidades, ausente do imaginário dos jovens. Patrícia Ferreira se apóia em dados do IBGE para afirmar que existem no Brasil 703 mil índios, 52% desta população, auto-declarada, moram em cidades. Segue evidenciando a forte relação entre a cidade, indígenas, e meios de comunicação como internet e demais tecnologias.

Durante o debate em sala e em avaliação oral, o comentário² predominante: “*Índio que mora em cidade não é índio!*”. Segundo o grupo o que eles pensavam sobre os povos indígenas não correspondia ao texto trabalhado, o que trouxe a superfície outro preconceito que está ligado à idéia de transitoriedade das sociedades indígenas. Já que durante todo o processo de colonização, Império e República as diversas etnias indígenas foram tratadas como transitórias, ou em vias de integração com a sociedade nacional³. Sendo apenas reconhecida a pluralidade cultural destas etnias e o direito a terra e a educação diferenciada na Constituição de 1988. Uma conquista de 21 anos,

² Paulo Afonso Caruso Ronca e Cleide do Amaral Terzi (1995, p. 61) afirmam que: “Comentar é uma habilidade operatória mais próxima ao coloquial, que envolve aquela magia de quem conta uma história ou um caso”.

³ Esta questão é também discutida por Mércio Pereira Gomes (2005, pp.420- 438) no qual e apresente os caminhos da cidadania indígena e o direito a terra no Brasil Império e República.

ainda longe de ser compreendida em sua essência pela sociedade envolvente. Permanecem as idéias de integração, civilização e desaparecimento dos povos indígenas, sendo que desde a década de 50 a curva demográfica dos povos indígenas brasileiros é ascendente, por diversos fatores que não somente a taxa de natalidade.

WWW.INDIOSONLINE.ORG.BR

A partir das discussões com o grupo, houve a necessidade de aproximar os fatos do Brasil Colonial a realidade concreta dos estudantes e a seus elementos e instrumentos de interesse. Neste caso, sugeri ao grupo, uma pesquisa sobre os povos indígenas no presente, através de um meio de comunicação muito apreciado e familiar aos jovens: A internet. Ubiratan Rocha defende que:

Com um simples clicar de *mouse* podemos consultar informações que, há não muito tempo, seriam de difícil acesso. Com um microcomputador ligado à rede, têm-se, ao alcance do dedo indicador, a diacronia e a sincronia, textos analíticos conjunturais e textos estruturais. Som, imagem parada e a imagem em movimento, notícias, análises, documentos históricos etc. São hoje, rapidamente, acessados através da Internet. O aluno pode consultar várias vezes um mesmo conteúdo para uso escolar sem a necessidade da presença do professor (2004, pp.62-63).

Existem outros meios que poderiam ser utilizados para cumprir os objetivos com o grupo, que eram compreender as sociedades indígenas no presente, sua autonomia e pluralidade, assim como, analisar rupturas e permanências na relação passado-presente. Mas, este recurso específico, foi utilizado, compreendendo que o grupo possui além da realidade concreta, uma realidade virtual, com códigos e signos próprios, geralmente ignorados pelo sistema formal de ensino. Esta escolha propicia a aproximação dos jovens da disciplina que tem fama de “chata”, “velha”, “mofada” e principalmente “distante e inútil”.

Nesse sentido a pesquisa realizada pelo grupo seria o que é defendido por Ronca e Terzi (1995) um espaço para ligar conteúdo, vida, escola, mundo e interesses. Como também um espaço para descobrir, analisar e concluir. Todos visitaram alguns sites⁴ que foram construídos e são gestados por indígenas de várias etnias, como Pataxó,

⁴ Os sites visitados pelo grupo de estudantes foram: WWW.indiosonline.org.br, WWW.elianepotiguara.org.br, WWW.ajindo.blogspot.com, WWW.povosindigenasdooiapoque.com.br e WWW.culturaguarani.hpg.ig.com.br.

Potiguara, Pankararu e Guarani. Estas visitas tiveram por finalidade uma maior aproximação com a questão indígena no século XXI. Sendo que estas pesquisas deveriam ser postadas e comentadas pelo grupo em uma comunidade de um determinado *site* de relacionamento.

O primeiro aparente resultado deste processo é a compreensão por parte do grupo que “índio” é uma nomenclatura que não explica coisa alguma. Os jovens descobriram através de suas pesquisas as 189 línguas faladas no Brasil além do Português, e os mais de 200 povos indígenas que residem em território nacional. E a percepção da pluralidade cultural escondida embaixo do termo “índios” foi evidenciada pelo grupo. Mas mesmo assim ainda questionavam o uso da tecnologia pelos grupos indígenas, ressaltando que isto leva a perda de traços identitários, já outros defendiam que o uso da tecnologia permitia a manutenção e o fortalecimento das culturas dos povos indígenas, como é o caso de Y. S. S. J. (2009, 16 anos):

Ao olhar os sites eu percebi que os povos indígenas estão utilizando toda a tecnologia oferecida para a revitalização de sua cultura. Estão usando os sites como um meio de comunicação entre esses povos que estão localizados por todo o território brasileiro. Mostram suas dificuldades em conseguir que algum membro de alguma comunidade curse uma faculdade pública, pois sofrem discriminação e com isso procuram universidades particulares, mas não conseguem cursá-la, pois a mensalidade é cara e não conseguem pagar, sendo que é um direito deles obter gratuitamente essa graduação. Passam por grandes obstáculos quando se trata da demarcação de território, também são tidos como pessoas que podem se adaptar as novas culturas e costumes, penso que é errado pensar desse jeito, pois estas pessoas não escolheram mudar seus hábitos, seu jeito de falar, eles foram forçados a fazer isto. E para quem pensa que seus costumes estavam mortos, tinham desaparecido, se enganam, eles só estavam adormecidos, pois seus “velhos” haviam os guardado muito bem.

A conclusão da pesquisa desta estudante contraria a opinião majoritária e anterior do grupo, e ainda consegue discutir questões para além dos objetivos propostos, como território, acesso e permanência em universidades públicas, adaptação. Quando escreve sobre cultura adormecida está demonstrando ter entendido um fenômeno conhecido nas Ciências Sociais como etnogênese⁵.

⁵ Para uma melhor compreensão veja: ARRUTI, José Mauricio Andion. “Morte e vida no nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional” disponível em: WWW.cpdoc.fgv.br/revista/arq/165.pdf

O fenômeno da emergência étnica ou etnogênese é complexo, mas geralmente é entendido como um momento em que uma nação indígena classificada pela sociedade nacional e por seus intelectuais como “extinta”, solicitam reconhecimento como povo indígena, solicitam a consideração que sua cultura está ‘acordada’ e que possuem formas diferentes de lidar com a terra e reproduzir-se culturalmente, o caso mais recente na Bahia, é o povo Payayá, onde estes defendem que sempre existiram, os não-índio são os que não sabiam onde eles estavam. I.S.S.J. (2009), consegue contextualizar a realidade dos povos indígenas ao século XXI às necessidades das pessoas neste tempo, operação anteriormente difícil. Já a estudante L. K. S. (2009, 16 anos), escreve:

Para mim, fica muito visível a importância da valorização das raízes indígenas em pleno século XXI, com uma sociedade capitalista e egocêntrica em eclosão. O estado, como bom "defensor" do povo brasileiro, deveria, sem sombra de dúvidas dedicarem-se um pouco mais a essa cultura, derrubando assim o preconceito. Admira-me o contato desses índios com a internet e a tecnologia, mais estou convicta de que esse contato é o responsável pela modificação da cultura deles. Não que eu seja contra. Mas é outra prova da manipulação tecnológica sobre os valores de um povo. Outro fator que eu considero responsável por essa modificação, é a necessidade de sobrevivência, e a luta pela manutenção das tradições. Querendo ou não, todos nós nos adaptamos a mudanças, e temos que modificar nosso modo de vida para nos flexionarmos a elas. A luta por terras, por direitos, por respeito... Tudo isso torna os indígenas, guerreiros do século XXI.

Esta conclusão alcança os objetivos propostos, como a anterior, mas desvela a necessidade de discussão do conceito de cultura, compreendido pela estudante como algo imutável, um conjunto de traços fixos. Sendo que a concepção de cultura adotada nesta pesquisa e em sala de aula, aproxima-se da perspectiva heraclitiana, concordando com Manuela Carneiro da Cunha (1994, pp.121-122), que entende a cultura, não como um conjunto de traços dados, mas um vir a ser, e uma transformação constante.

Esta demanda culminou na proposta de visita para fins de compreensão e pesquisa da realidade de um dos povos anteriormente estudados, neste caso a aldeia Caí, uma aldeia Pataxó⁶, próxima à Cumuruxatiba, situada no distrito do Prado. A possibilidade de ultrapassar os muros da escola animou muito o grupo. Como elemento avaliativo deveriam, produzir um relato da experiência, em forma de filme. Os estudantes o

⁶ Para mais detalhes sobre a situação das aldeias Pataxó no entorno de Cumuruxatiba veja: SILVA, Aretuza da Cruz. “Entre a terra e a ideologia colonial: A nação Pataxó, as unidades de conservação e os conflitos pela posse do território”. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Aretuza%20da%20Cruz%20Silva.pdf, acesso em 10 de setembro de 2009.

produziram utilizando um software próprio, do qual já possuíam domínio em seu cotidiano.

A visita aconteceu em 24 de maio de 2009, com a participação de três monitores cedidos pelo projeto “A academia vai à aldeia” que já possui uma base de relacionamento e parceria com o povo Pataxó das aldeias do entorno de Cumuruxatiba. O estudante W. O. R. (2009, 16 anos) escreve sobre a experiência⁷:

*A viagem foi muito importante para mim, pois compreendi melhor como é a vida indígena, já havia estudado sobre a cultura. Antes **imaginava** que eles não fossem amigáveis, ou seja, que não quisessem mostrar, apresentar seus costumes para nós. Também **imaginava** que eles não vendessem objetos feitos por eles mesmos.*

Mesmo com todo o estudo sobre as culturas e diversidade dos povos indígenas, o estudante evidencia permanecer com as imagens de um índio selvagem, inimigo que não estabelece relações comerciais. Estar na aldeia permitiu a eles desconstruírem seus próprios preconceitos e atribuírem novos significados a palavra “índio”. O estudante participou, sentiu, cheirou, hãmiã⁸ e assim, participando, entendeu melhor quem é o “outro”, que agora não estava mais “lá”, mas estava ao lado. Então de forma concreta se encontraram com os Pataxó, mas em outro plano defrontaram-se com o seu imaginário e a decepção e aceitação da diferença. C. P. J (2009, 16 anos) expressou-se com um poema:

*É diferente do que pensava
Índio não fica escondido na mata,
E também passa fome, necessidade.
Surpreso fiquei
Quando com eles encontrei
Vivendo como agente
Mas ao mesmo tempo totalmente diferente.*

*Com casas e ocas
Comendo feijão e mandioca
Jeito simples, humilde.
Mas brasileiro, brasileiro.*

⁷ Grifo meu.

⁸ A palavra na língua dos Pataxó remete ao sagrado, a não-separação entre a dança e o ritual entre o corpo e a fé.

*Recepcionistas alegres,
Tímidos, alguns poucos.
“Naturebas”, nem pensar.
É jeito de preservar.*

*De suas danças e cantos
Nós deixaram participar
Foi um “Auê”.*

C. P. J. (2009) em primeiro plano também se refere à visita como uma oportunidade para desconstruir a imagem do índio como um selvagem que vive na floresta, mas percebe as dificuldades da aldeia, que são explicadas em partes, por estarem em uma terra não-homologada, o que gera uma série de dificuldades no acesso à direitos. Na sua terceira estrofe faz uma relação entre elementos materiais não-índios e índios (casa e feijão X ocas e mandioca), mas neste caso não os expõem em oposição, mas em afinidade. sagrado

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São perceptíveis, no imaginário de jovens do ensino médio, os povos indígenas brasileiros como selvagens, que vivem nas florestas mesmo com o contexto de desmatamento do século XXI, que caçam e pescam, mesmo com a poluição dos rios e a longa lista de animais ameaçados de extinção. Essa imagem cristalizada é distorcida e estereotipada daquilo que corresponderia a alguns grupos indígenas do século XVI. Isto se deve a uma série de fatores, mas, o principal, provavelmente, seja o sistema formal de ensino, nos quais os povos indígenas aparecem apenas como passivos figurantes no advento do “Descobrimento”, sendo que desaparecem nos séculos seguintes.

Todo o sistema educacional carece de mais dedicação a esta significativa parcela da História do Brasil. Desde Instituições de Ensino Superior, que possuem a responsabilidade de preparar o profissional para trabalhar com a temática, a Educação

Básica que precisa rever a organização dos conteúdos, na busca de evidenciar a presença e a resistência das sociedades indígenas em outros momentos da nossa história, como a Guerra de Canudos, a Guerra do Paraguai, a escravização no período colonial, os aldeamentos no Brasil República, as guerras justas no Brasil Império. Outra demanda é a necessidade de pesquisas e pesquisadores sobre a questão indígena no Brasil, assim como financiamento para a realização destas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUTI, José Mauricio Andion. “**Morte e vida no nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional**” disponível em: www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/165.pdf acessado em 08 de janeiro de 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. “**Introdução a uma História Indígena**”. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (orgs.) “**História dos índios no Brasil**”. São Paulo: Companhia das Letras: Secretária Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

_____. “O futuro da questão indígena”. Revista de Estudos Avançados, 1994.

FEREIRA, Patrícia. “**Selva de Pedra**” In: Revista Sociologia: Ciência e Vida, São Paulo: Escala, nº. 3, 2007.

GOMES, Mércio Pereira. “**O Caminho para a cidadania Indígena**” In: PINSKY Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). “**História da Cidadania no Brasil**”. São Paulo: Contexto, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. “**Didática**”. Coleção magistério, 2º Grau. Série Formação do professor. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.

ROCHA, Ubiratan. “**Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno**” In: NIKITIUK, Sonia M. Leite (org.) “**Repensando o ensino de História**”. São Paulo: Cortez, 2004.

RONCA, Paulo Afonso Caruso e TERZI, Cleide do Amaral. “**A aula operatória e a construção do conhecimento**” São Paulo: Ed. Do Instituto Esplan, 1995.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marilene. “**O ensino de História**” São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Aretuza da Cruz. “**Entre a terra e a ideologia colonial: A nação Pataxó, as unidades de conservação e os conflitos pela posse do território**”. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Aretuza%20da%20Cruz%20Silva.pdf acesso em 10 de setembro de 2009.

